

O CORREIO

DIRECTOR

Jorge Santos

SEMANARIO MONARCHICO

EDITOR

Alberto Ferreira d'Aguilar

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor—Officina movida a electricidade—Rua da Canelle Velha, 78-A—PORTO.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario—MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO = N.º 23-A = AVULSO 20 REIS

Segunda-feira, 12 de Maio de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 758 n.º, 1.6000 reis — Serie de 96 n.º, 500 reis. Estrangeiro: (Paiz da União postal)—serie de 52 n.º, 15 francos (ou 3.600 reis). Serie de 96 n.º, 8 francos (ou 1.800 reis. Brasil: serie de 52 n.º, 4.800 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 50 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.

ANNUNCIOS—Na secção de annuncios 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

Quem é a futura Rainha de Portugal

ENTREVISTA

Com a Senhora Marquiza de Rio-Maior

O bom «jeune homme»

Em 1790, plena revolução franceza, ao apresentar-se na aula de rhetorica do collegio *Cardinal-Lemoine*, em Paris, o substituto do padre *Levasseur*, que se recusára a fazer o juramento obrigatorio da constituição civil do clero, — um estudante levantou-se para declarar que não recebia as lições de um sacerdote que desobedecera á Igreja.

Dito isto, saiu da aula.

Paris vivia os dias vermelhos de 90 a 93. O barrete phrygio, enterrando-se cada vez mais na cabeça da Revolução, vendava de sangue os olhos da França.

Com a mesma cavalheiresca intransigencia que recusára as lições do padre *assermenté*, o estudante, para não prestar juramento á Revolução, recusou o posto d'ajudante de campo de Casabianca. Essa creança seguiu os reis, oppondo o seu magoado respeito ás malquerenças e insultos que acompanharam a familia real durante o seu disfarçado encarceramento nas *Tulherias*, a antecâmara do *Temple*.

Naquella tumultuosa noite em que á chegada da Rainha á *Opera*, alguns manifestantes só se descobriram depois dos protestos unanimes dos realistas, foi ainda esse estudante quem arrancou o chapéo a Ducos, depois membro da Convenção, que affirmava não haver quem pudesse obrigar o a descobrir-se, perante a mulher do primeiro funcionario publico.

A mocidade é exaltadamente partidaria. A pureza do coraçõ contribue para a exaltação da cabeça. Esse rapaz não podia deixar de tornar-se um *realista fogoso* que se filiou em todas as associações politicas onde diariamente se sonhavam contra-revoluções. O Marquez de Champeenetz, governador das *Tulherias*, dá-lhe um cartão de livre entrada no palacio, e o desinteressado rapaz torna-se a boa sombra da familia real; a Rainha inspira-lhe uma dedicação quasi romanesca.

No dia em que Luiz XVI quiz partir para S. Cloud, 18 d'abril de 1791, encontrava-se o fogoso realista no claustro do palacio das *Tulherias*. A multidão cortava o caminho á carruagem real. Os realistas eram numerosos e queriam lutar. O proprio La Fayette mostrava-se decidido a secundar a partida da familia real. Mas o Rei oppoz-se, horrorizado á ideia de fazer derramar sangue francez. A resistencia popular crescia. A multidão cercava as grades do palacio, rodeava a carruagem, ululava ameaças á familia real.

Durante cerca de duas horas, o principe foi privado d'ultrages. A Rainha, cuja serena coragem se não desmentia um só instante, pediu um copo d'agua para o Delfim. Alguns populares oppuzeram-se, furiosos, á passagem do offi-

cial que levava esse copo d'agua. Então, o «fugoso realista», que estava perto da carruagem, não pôde conter a sua

lescente, cuja attitudo e physionomia expressiva respiravam uma *sympathia* pela familia real tornada rara. Um dia, em que o ex-estudante de rhetorica do collegio *Cardinal-Lemoine* se aproximára mais da Rainha, no momento em que ella sabia do Jardim das Plantas, pôde ouvir Maria Antonieta dizer para Maria Izabel, indicando-o com um olhar enternecido:

— «Voilà un bon jeune homme!»

Estas palavras de reconhecimento, cahidas dos labios tristes da Rainha Martyr, gravaram-se-lhe a fogo no co-

nin, secretario do Rei, lhe comunica que o Rei e a Rainha correm graves perigos, o *bon jeune homme* escreve á mãe: «... vou contribuir para salvar o throno ou morrer defendendo-o».

Corre a Paris, e no dia seguinte, mal vestido para se poder misturar com o povo, vae ás *Tulherias*.

Tinha dezasseis annos.

Já a Convenção succederá á Assembleia Nacional, e chamára Luiz XVI a ser julgado.

O *bon jeune homme* assistiu d'uma tribuna, ao primeiro acto da tragedia, entre sinistras figuras que o cataclysmo revolucionario vomitou sobre as pedras de Paris; ouviu Santerre anunciar que *Luiz Capeto esperava as ordens da Convenção*, viu o Rei de França entrar, sentar-se sem proferir uma palavra, responder com calma e precisão, n'uma voz firme e forte, e sahiu d'ali mais entusiasta realista do que entrára.

Os cortejos da desgraça são mais raros, mas são mais constantes.

Fôra, ouviu alguém dizer que Luiz XVI se mostrára muito sereno, mas que *elles saberiam fazer-lhe baixar a cabeça*. Voltou-se, e reconheceu Marat. Teve impetos de se lançar ao convencional, mas dominou-se. O bom adolescente não podia presentir o alto papel que ia representar na historia da França, da Europa e mesmo da America; mas sabia bem o quanto a sua dedicação queria tentar fazer para salvar a vida do seu Rei.

A opinião publica era favoravel á familia real, havendo mesmo manifestações de *sympathia*. A Convenção hesitava em lavrar a sentença que os *sans culottes* lhe dictavam; as sessões prolongavam-se; alguns deputados estavam indecisos; o *bon jeune homme* encarregou-se de lhes fallar.

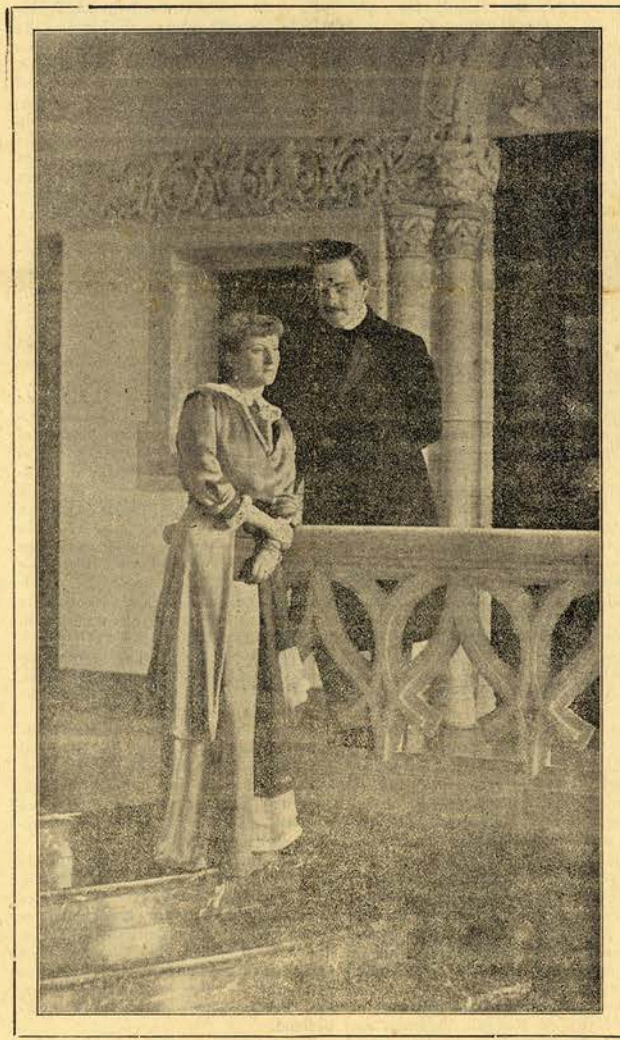
Havia uns luars de esperanza que a manhã de 19 de janeiro varreu de todo.

Dois dias depois, o *Terror* estava iniciado em França, e só restavam uma mulher e uma creança aos homens de coração e de lealdade para se dedicarem.

A execução de Luiz XVI fôra o termo da Realza, mas não o da Revolução. Essa continuava a reclamar victimas, martyres, sangue, como um bebado pôde reclamar mais vinho quanto mais se lhe seccam as guélas. Não faltavam desgraçados a arrancar á guilhotina. O *bon jeune homme* arrancou, das garras de Fouché, Pierre Mangue, accusado de se referir irrespeitosamente a Robespierre e a Montagne, e, depois d'essa defeza audaciosa e brilhante que obrigou o tribunal a reconsiderar, ainda liberta quatro padres, presos nas cadeias de Nevers.

Notado, as perseguições, que evitára aos outros, cahem sobre elle. E, preso em Cosne, perto do seu *château de Lestang*, quando lhe dão uma liberdade provisoria, encontra a turba-multa demagogica reclamando o julgamento de Maria Antonieta.

Entretanto, o espectáculo d'esse angustiado coração de mulher, a quem tinham arrancado o marido para o guilhotinar, e cuja força lhe era agora dada pela figura transida do Delfim, despertára nos proprios republicanos, encarregados de guardar a Rainha, dedicações e commovidas *sympathias*. Entre esses dedicados, contava-se o inspector das



Sua Magestade El-Rei D. Manuel e Sua Alteza a Princesa Victoria de Hohenzollern. Sua Noiva.

indignação, e adeantou-se, a abrir caminho ao official. Cinco ou seis populares cahiram sobre elle. E foi preciso outro official defendel-o, d'espada em punho.

A Rainha notára o gesto d'esse ado-

ração, d'onde nunca mais, nem a miseria, nem o carcere, nem dezasseis annos d'exilios e proscricções, nem o *Terror*, nem o Imperio, nem o tempo, as apagaram.

Quando, depois, no 9 d'agosto, Hen-

prisões, Michonis, em quem a Republica teve um partidário zeloso e sectario até a primeira vez que elle aborou os augustos prisioneiros. Ao presenciarem, porém, a desgraça da familia real e a nobreza com que a supportavam, sentiu-se tomado de um ardente desejo de reparar as injustiças da sorte.

— *Sou republicano, mas dava, como o senhor, a minha vida por elles!* — declarou Michonis ao *bon jeune homme*.

E, depois de fracassado o plano de Mr. Toulau, Michonis, antes de dar a sua cabeça á guilhotina do Terror, preparou outro plano para libertar Maria Antonieta, plano tambem descoberto e que teve, por involuntaria consequencia, a separação da Rainha e do Delfim, e a transferencia da viuva de Luiz XVI da prisão do Temple para a *Conciergerie*.

O *bon jeune homme* foi de todos os *complots* que tentaram arrancar Maria Antonieta aos ferros da *Conciergerie* e ao coto de Sanson, o executor das altas obras, do *complot* de Jobert, como do do cravo vermelho do cavalleiro de Rougevillie.

E' provavel que Maria Antonieta morresse sem saber o nome do *bon jeune homme*; mas a policia da Revolução sabia muito bem que o adolescente que seguira, fascinado, a esteira da desgraça da Rainha martyr se chamava Hyde de Neuville que, dos seus maiores, desterrados da Inglaterra com os Stuarts, herdára o sangue lealmente realista.

Nascido de sangue inglez, segundo o retrato á penna feito por Lamartine, elle trouxe para França esse fanatismo do parlamento dos Stuarts que personifica n'uma raça leal a honra, a religião e a Patria, e á qual o expatriamento e o cadafalso apparecem como deveres do seu culto. Hyde de Neuville dedicou, aos Bourbons, a mocidade, a fortuna, a sua cabeça. Conspirador infatigavel, sob a Republica e sob o Imperio, emissario corajoso do Rei e dos Principes em Paris, vivendo á metade da vida sob nomes falsos, furtando-se á policia do Directorio e de Bonaparte graças a outra policia mais occulta de que elle iradira os fios, até á capital, em serviço dos Bourbons; ligado aos Polignacs, aos Bourmont, aos Riviere, aos Moreau, aos Pichgru, aos Georges, aos Cliehiens, aos vendeanos, — só uma vez se defendeu: quando a policia de Fouché, para hisongar Bonaparte, o accusou de cumplicidade no 3 *nivose* (24 dezembro 1800) cuja machina infernal dirigida contra o Primeiro Consul esteve muito perto d'assassinar o vencedor do Egipto.

Hyde de Neuville gritou então: *Sou capaz de me bater na guerra pela fé da causa, mas incapaz de colaborar n'um crime!*

Mas a policia procurou-o, perseguio-o, e Mr. e Madame de Neuville vão para La Rochelle, onde Hyde de Neuville, sob o nome de Dr. Roland, vaccina o povo, e salva tantas vidas que o ministro do Interior lhe agradece os seus humanitarios serviços, n'uma carta historica, sem saber que o famoso Dr. Roland é o realista que Fouché fareja por toda a França, desde a Vendea a Paris.

Para defender seu marido, Madame Hyde de Neuville vae ter com Napoleão a Austerlitz.

Rovigo instiga Bonaparte, o Primeiro Consul quer saber proscripto o realista, e Madame Hyde de Neuville resolve ir fallar a Napoleão. Acompanhada do marido até á fronteira suissa-allema, a Senhora Hyde de Neuville parte depois, só com uma dama amiga, atraz da *Grande Armée* victoriosa.

A estrella de Napoleão cada dia nascia em seu campo de batalha. Madame Hyde de Neuville percorre o rastro astral: é Augsburg, é Munich, Lintz. A esposa do proscripto realista viaja ora em carriganas que se esmigalham nos fossos, ora em barcos de munções

pelo Danubio acima. Depois é Molke, por fim Vienna; e Napoleão avançando sempre, vencendo sempre, combatendo sempre sem dar sequer por esse coração de mulher que a sua esteira victoriosa vae arrastando, dilacerando-o.

Entfim, ouve-se o clamor da victoria de Austerlitz.

Napoleão está á frente da *Grande Armée*. E só um mez depois, o principe Murat e o marechal Berthier podem communicar a Bonaparte a missão de Madame Hyde de Neuville: dizer ao Imperador que o Senhor Hyde de Neuville aceita o exilio perpetuo nos Estados-Unidos, como realista, mas que em vez de ir embarcar a Italia, deseja embarcar em Hespanha, atravessando toda a França, com passaportes, para que se não supponha que elle vae fugido á perseguição do attentado do 3 *nivose*. Os passaportes e a autorisção do governo para atravessar a França, destruiriam a calumnia.

O Imperador responde:

— *Isso é bello! Isso é francez!*

E, sabendo os sacrificios da Senhora Hyde de Neuville, percorrendo todo o caminho victorioso das agnias napoleonicas, para pleitear junto do Imperador, o protesto contra a accusação d'um crime, Napoleão correogou o marechal Berthier de lhe dizer que *ella era uma mulher digna, e que o Imperador lamentava não poder conceder-lhe mais do que ella pedia: o exilio.*

A restauração termina esses longos annos de proscriptão e faz do proscripto o Barão Hyde de Neuville, embaixador de Luiz XVIII em Washington primeiro, depois no Rio de Janeiro.

Mas a insurreição do Rio de Janeiro, que provoca o retorno de D. João VI a Lisboa, transfere-o embaixador para Portugal, e elle que não chegára a ir ao Rio entregar as credenciaes, vae entregar-as a Lisboa.

O 30 d'abril nomeia o Barão Hyde de Neuville conde da Bemposta.

O Barão Hyde de Neuville chegou a tempo de conhecer os negocios e os homens da corte portugueza, apreciar a lealdade do conde de Suberra, a honradez e o valor politico de D. João VI, as maquinações de Beresford, e prever o 30 d'abril, em cuja manhã o embaixador francez soube convocar na Nunciatura o corpo diplomatico, e correr para junto do Rei de Portugal, ao Palacio da Bemposta, valendo ao throno, e defendendo os Portuguezes da humilhação de cahirem n'uma colonia tuletada, a que um mau filho e mau portuguez — duplamente traidor —, o Infante D. Miguel, estava prompto a reduzir a Patria.

E' o Barão Hyde de Neuville que responde ao cumplice do Infante D. Miguel, que quer tomar o passo ao corpo diplomatico:

— «A Europa que nós representamos não conhece senão o Rei; o infante não passa d'um subdito, não póde dar ordens no palacio de seu Paes.»

E graças á energia do senhor Hyde de Neuville, o corpo diplomatico, abrindo caminho por entre a soldadesca da sublevação, atravessando tres salões desertos, vae dar com D. João VI na sala do throno, acubrenhado de dor, acompanhado pelo seu fil Marquês de Torres Novas e pelo representante Beresford, o «estrangeiro», em proveito de cuja patria o infante D. Miguel tentára o 30 d'abril, a deposição do soberano legitimo, e a transformação d'uma nacionalidade n'um protectorado.

E com uma altivez bem franceza, o senhor Hyde de Neuville pergunta ao estrangeiro Beresford se elle é ministro de Sua Magestade Fidelissima; á negativa, o embaixador francez correu o intruso com estas palavras:

— «Entre El-Rei e o corpo diplomatico não póde haver outro intermediario senão o ministro dos negocios Estrangeiros.»

E, depois da titubeante e manhosa submissão do Principe Miguel, sempre á

espreita de executar a traição preconcebida, em nome d'um amor filial e d'um zelo sympathico que elle não sente, é ainda o Barão Hyde de Neuville que esclarece os conjurados dizendo em voz alta:

— «Não conheço por ministro dos estrangeiros senão o Marquês de Palmella, e só com elle me correspondo, enquanto o seu successor não puder ser nomeado senão pela influencia das bayonetas.»

Nesse edificio, onde está actualmente a Escola do Exercito, e a enjas portas assomavam (até 5 de outubro de 1910, pelo menos) as armas de Portugal e de Inglaterra, afirmando que o paço da Bemposta fóra o palacio da Rainha D. Catharina, filha de D. João VI, e viuva de Carlos II, de Inglaterra; n'esse edificio e n'esse abominavel 30 d'abril, bem mereceu o sr. Hyde de Neuville do Rei de Portugal o titulo de conde da Bemposta, em memoria do Paço onde a sua acção salvára o throno, a patria portugueza, e um mau filho e mau subdito de consummar um acto de mau patriota.

Quando o Infante, esquecido dos seus protestos do fidelidade á Constituição e á Rainha, se assenhoreou do poder, e encarcerou então o conde de Suberra, que estava apontado para ser assassinado em 30 d'abril, o conde da Bemposta já não era embaixador de França em Lisboa, e não póde então defender Portugal da cheia de sangue, de horrores, de ruínas, de perseguições e fanatismos que tornaram para sempre o mignalismo uma tradição odiosa e irreconciliavel com o sentimento nacional portuguez.

Nesta emergencia o barão Hyde de Neuville, com a autoridade que lhe dava o conhecimento dos assumptos portuguezes, escreveu uma brochura em que demonstrou, com documentos irrefragaveis, os direitos da filha de D. Pedro.

Mas Hyde de Neuville tinha um sobrinho, o conde de Saint-Leger de Larne, que acompanhou D. Pedro á Terceira e pelo liberalismo se baten nas trincheiras do Porto.

O conde de S. Leger era filho do realista francez Larne e de Maria Sazane, irmã de Hyde de Neuville.

Larne conspirou ao lado de Hyde de Neuville, esteve na Cayena e nos exilios da America. Homiziado annos seguidos, escondido na propria casa, só se avistava com Madame Larne. O filho não o conhecia. Um dia, tinha a creança seis annos, o pequenito deitou fogo á casa; a creança gritou, e viu um homem empurrar um armario que escondia uma porta, sahir, pegar-lhe nos braços, saltar uma janella, e salvar a das chamas. Era o pae que pela primeira vez se chegava ao pé do filho. Larne foi o restituidor dos Archivos Nacionaes de França, e quem visitou o monumental archivo de Paris, lá encontra a estatua do notavel bibliothecario de Carlos I.

Deste illustre Larne e de Maria Sazane Larne (née Hyde de Neuville) nasce o conde de Saint-Leger de Larne.

Saint-Larne é um official francez, com uma carreira brilhante, feita na campanha da Grecia, onde serve ás ordens do general Maison.

Hyde de Neuville nomeia-o, quando ministro da marinha, para ir a Constantinopla comprar os captivos gregos para os restituir ás familias, encontrando-se n'essa missão com o delegado da Italia, que era o conde de Bonbonne, mais tarde consul em Lisboa, onde se radica a familia, e com o delegado inglez, lord Prudo, depois duque de Notham-berland.

Toma parte na guerra de Hespanha, com o Duque d'Angoulême, e o ultimo capitulo dos seus servicos á França é o cargo de *preost-militaire*, governador da Martinica, durante a revolta dos negros.

Grassava a febre amarella. Saint-Leger cache doente; dlo-o por morto, e só ao deitarem a cal no caixão para o enterrar, dá signaes de vida. Estava um

navio a partir do porto, atiram o corpo de S. Leger para a embarcação, por um desargo de consciencia, a ver se o ar do mar largo o salvará. Quando o navio aporta a Belle-Isle o conde de S. Leger está salvo.

E' 1832.

D. Pedro IV encontrou-o, e diz-lhe: — O S. Leger, você vae com nigo para a expedição.

Faz a Terceira, entra em fogo nas açoes do Porto.

Um dia, S. Leger, que tinha um soldado bom cozinheiro, convidára para jantar na sua tenda de campanha, o duque da Terceira, o Lastery, neto do famoso La Fayette, e outros camaradas. Como de costume, Lastery e S. Leger caturravam n'essa tarde: Lastery era um avançado, S. Leger um moderado, viviam n'uma bulha pegada.

Eram os eternos disputadores do direito divino e dos direitos do homem.

Mas a sôpa foi para a meza, e deante d'um bom jantar como deante d'uma boa carga de bayoneta, os dois officiaes esqueciam as dissidencias politicas. Iam a sentar-se á meza, quando S. Leger recebeu (sem então nem nunca saber quem lho enviára), n'um papelinho dobrado, e escripto a lapis, um aviso de que os mignelistas estavam a abrir uma brecha por onde querem entrar no Porto. Levantam-se immediatamente.

O conde de S. Leger commandava a Legião Estrangeira, composta do refugio das revoluções de 30, em Paris. E' o primeiro a chegar ao ponto ameçado. O combate é reñido. As mulas d'artilharia são mortas pelo fogo inimigo; os officiaes puxam ás peças; de 28 officiaes, escapam tres. S. Leger é ferido por um balazo no braço esquerdo, que lhe estilhaça os ossos, d'onde toda a vida sahiram esquirlas.

Os mignelistas são repellidos, e S. Leger, apesar de dolorosamente ferido, não fica para traz. O braço esquerdo ao peito, o direito póde bem com a espada. Segue o Imperador. Mas nas linhas de Lisboa cae n'um fosso, bate sobre o braço, e a fraetura, ainda mal soldada, torna a rachar.

N'um fogo adiante cahira morto Rojecland, outro francez, amigo de S. Leger. Rojecland era, como Bourmont, um official francez alistado nas hostes mignelistas, e ambos amigos de S. Leger e Lastery que contra elles combatiam sob a bandeira liberal.

E é S. Leger quem vae, de noite, levar Bourmont a bordo d'uma nau franceza para elle não ficar prisioneiro.

Acabadas as guerras liberas, o capitão conde de S. Leger toma o titulo do conde da Bemposta (que Hyde Neuville tinha em duas vilas, para elle, para o sobrinho, seu filho adoptivo) e fica no Paço, como ajudante d'ordens do Imperador.

S. Leger, já conde da Bemposta, casa com a filha adoptiva do conde de Suberra, D. Maria Mancia de Lemos e Roxas.

O conde Suberra morrera já no forte da Graça, em Elvas, prisioneiro e martyr dos mignelistas. A condessa de Suberra, em cuja casa o conde de S. Leger é tratado, dá a mão de sua filha ao official francez que dois titulos tinha para herdar a sua casa: o de ter collaborado na libertação do paiz, e o ser sobrinho de Hyde de Neuville que salvara o conde de Suberra de ser assassinado no 30 d'abril, pelos mignelistas, abrindo-o na embaixada de França.

A menina Suberra

O conde de S. Leger, a quem o Rei Soldado elevava de conde a marquês da Bemposta, junta assim os dois titulos: Bemposta e Suberra.

Este marquês da Bemposta e Suberra que serviu D. Pedro IV, D. Fernando, D. Pedro V e D. Luiz e morreu tenente-general, teve uma filha, a menina Suberra, como lhe chamava a corte de D. Estephania. — D. Maria Isabel, que casou com Antonio de Saldanha Oliveira e

Sonza, conde, depois Marquez de Rio Maior.

O Marquez de Rio Maior morreu, Par do Reino, em 1891.

A Senhora Marquiza de Rio Maior, filha do Marquez da Bemposta e Subsera, conde de S. Leger, neto de Larnie, restaurador dos *Archives Nationaux*, de França, e segunda sobrinha de Hyde de Neuville, o *bon jeune homme*, fiel cortezão da desgraçada Rainha Martyr, ainda vive.

Tem 72 annos e uma memoria fiel como se, fallando, estivesse lendo os archivos da sua patria.

E' a Torre do Tombo do Constitucionalismo.

A senhora Marquiza de Rio Maior viveu já cinco reinados: D. Maria II, D. Pedro V, D. Luiz I, D. Carlos I e D. Manuel II.

De todos elles reteve uma saude, um episodio, um facto, como de cada um dos seus antepassados, tão illustres, guarda a serena coragem da sua fé, a mesma indeclinavel lealdade e firmeza monarchica.

E' uma Neuville, uma Larnie, uma Subsera.

Assistiu ao baptisado de Sua Alteza a Senhora D. Antonia de Bragança, avó da Princeza Victoria, futura Rainha de Portugal, ao casamento da Rainha Estephania, tia avó da Noiva do Senhor D. Manuel, e vai ainda passar-se em sua vida, talvez no ontomno d'este anno, o casamento de El-Rei D. Manuel.

E' esta senhora Marquiza de Rio Maior, cuja retentiva é um precioso cartorio de documentos historicos, que nos vai traçar a primeira parte do retrato de Sua Alteza Serenissima a Senhora D. Augusta Victoria, e que primeiro nos habilitou a poder dizer ao paiz quem é a futura Rainha de Portugal.

E' um vasto e enlevador assumpto, o retrato da graciosa Rainha Victoria.

Mas antes de Sua Alteza Serenissima o Principe Hohenzollern ir a Richmond apresentar oficialmente sua augusta filha, a Princeza Victoria, á Rainha Senhora D. Amelia, o que consta fará em Junho proximo, antes, já nós teremos acabado de dizer-vos quem é a futura Rainha de Portugal.

Joaquim Leitão.

Alvaro Pinheiro Chagas

NOTAS DE UM LISBOETA - 3.º VOLUME

BREVEMENTE A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

NA QUINA

por Frederico Pinheiro Chagas

2.ª edição

Brevemente á venda

JOAQUIM LEITÃO

A Bandeira dos Emigrados

Um folheto — 60 réis

A' venda em todas as livrarias



S. A. a Princeza Victoria do Hohenzollern, passeando no parque do Castello de Sigmaringen

Camisaria da Moda

Félic de Mello

Fornecedor da Cooperativa da Guarda
Re-pblicana e da Caixa de Aposentações e Socorros
dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro.
Depositarío das Águas de Caldeellas

Rua de Santo Antonio, 66 - PORTO
O MELHOR CAFÉ É O D' A BRASILEIRA

"ADESIVOS E MAKAVENCOS,"
Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

"AU BON MENAGE,"
81, R. de Cedofeita, 85 Teloph. 942 - PORTO
Casa, especialista no fabrico de coleções de arames,
coleções de folhelho, lá, crua, e summanua

Unica colehoraria no Porto que possue um bem merecido
serviço de esterilização
e desinfectção pelo vapor sob pressão

Joaquim Leitão

Os
**Cem Dias
Funestos**

Preço
\$8000 réis

Henrique de Paiva Couceiro.

Os bons tempos da tropa

O Zé Maria

Uma verdadeira *tragedia* aquella instrucção de recruta na *escola* do alferes Zé Maria — pittoresca alcunha, porque nós o conhecemos.

Uma verdadeira e completa *tragedia*...

Não porque, na realidade, Zé Maria fosse um mata-moiros feroz.

Não, senhor! Pelo contrario, apesar de muito telhado, de extremamente telhado, Zé Maria, fóra da parada, era bondoso para as praças e em todas as instrucções, que não demandassem vozes de commando, d'uma paciencia evangelica.

Bom instructor, era até modelar a maneira como elle ministrava a «preliminar de tiro».

Com que extremo cuidado, com que minucioso *savoir-faire*, elle ensinava aos seus galuchos a theoria do mecanismo de disparar, a acção progressiva e lenta do dedo sobre o gatilho, com que escrupulosa attenção elle segna a vagarosa elaboraçção dos triangulos no alvo!

Levava tempo mas ficava coisa acciada e até, em Pedronços, na carreira, se distinguim os soldados da 4.ª, pelo conhecimento da causa, com que iam para a linha de tiro, pela confiança e segurança com que tomavam da Mauser, a apontavam e faziam belas séries.

Se até nós outros, das restantes companhias do batalhão, conseguimos assistir, sem nos lembrarmos de rir, á complicada *manobra do pisca-pisca*, que mais não era o exercicio repetido de fechar o olho esquerdo para tirar a linha de mira e que Zé Maria dava em conjunto aos 50 e tantos recrutas da sua companhia...

Figure-se o leitor a companhia de fileiras abertas e Zé Maria «mandando»:

— Abrir e fechar o olho esquerdo em dois tempos! Escuta: attenção!

E logo:

— Um!

E tudo fechava o olho em «questão»...

Depois:

— Dois!

Tudo voltava ao seu estado normal.

O exercicio repetia-se, accelerando a cadencia: «Um! Dois! Um! Dois!» e era altamente comico, ouvir, a meio, Zé Maria, entusiasmado:

— Um! Dois! Um! Dois! Mais rapido!... Um! Dois! Um! Dois! Troca o olho, 49!

Era o 49, que se enganára e fechára o olho direito, em vez do esquerdo.

Pois nós viamos isto tudo sem rir. Demais, era o *Regulamento de Tiro*, que o preceitava...

Mas na *instrucção tatica*, principalmente nas primeiras lições é que era a *tragedia*, a *grande tragedia*.

Zé Maria sentia que a paciencia toda lhe fugia, pelo tempo do *bonet*.

Elle emprehensava-se, elle lerrava, elle quasi chorava, batia os pés no chão, enfurecia-se quando os «movimentos» não eram simultaneos. Um pavor!

A coisa a principio começava bem: Zé Maria explicava com toda a clareza, executava elle proprio o exercicio que queria. E todo elle era:

— Pois se vocês, rapazinhas, perce-

bem isto com certeza muito bem... Se eu tenho a absoluta certeza de que vós ides fazer isto muito bem... Vá! Attenção! Tu, 45, que és um rapaz inteligente, vem aqui para a frente... Vamos lá... No primeiro tempo de *hombro arma*—logo que eu dê a voz—tudo suspende a arma com energia... hein! Não custa nada... E' assim!

E Zé Maria suspendia a arma com um esticão brusco do braço.

Mas a certa altura os ares começavam a entroviscar-se. A «execução» não correspondia á «concepção exigente» do nosso homem.

Zé Maria principiava a estar menos amavel. Mettia as mãos nas algibeiras, tirava-as nervosamente, dava estalos com os dedos, tossiacom força...

Já nós, com as nossas *escolas* em volta da *Praça Nova*, lhe ouviamos a voz, dizendo para o 45, «que era um rapaz inteligente» e portanto escolhido para *modelo*, em tom muito grave e com voz grossa:

—45, 45!... Olha que não é isso assim! Endireita essa espingarda! A *chapa do couce* bem assente na mão esquerda. Man, mau! Não é assim! Irra! Não espetes a barriga para fóra!...

E a *tempestade* rugia. Os recrutas da *escola* de Zé Maria principiavam a estar amarelos e de olhar desorientado...

E o tom subia:

—O' 45! O' 45! Não é isso, grande raio! Ah! Desastrado que prégas com a arma no chão!

E dobrado em dois, n'uma «carga» selvagem, os braços no ar e as mãos crispadas, investia com o pobre 45, que até chorava de atrapalhado:

—45! O' senhor 45! O senhor é burro! Reconheça que é burro! Já!

D'ahi por diante era uma cousa indescriptivel. A *escola* andava n'uma fôna. Zé Maria, completamente perdido de cabeça, despejava vozes consecutivas:

—Accelerado! Quatro á direita—volver! Meia volta... Volver! Ordinario!... Accelerado!

E toda a *escola* andava doida, sem saber o que fazer. Havia pobres galuchitos desgarrados que vinham, como frageis embarcações fugidas á tempestade, acolher-se ás nossas *escolas*, longe das *vistas* e *fogos*... até o tempo amainar...

Zé Maria era então bem o tyranno de tragedia. De olhos a fuzilar, bigode hirsuto ao vento, a meio da parada, parecia rugir:

—Oh! filho ingrato, que tão cedo mataste o teu Pa... á... e... e!

Nós desistimos por fim de ensinar fosse o que fosse aos nossos homens.

Mandavamos *descançar* e mantinhamo-nos na expectativa benevola.

A's vezes, *se ainda era tempo*, dirigiamo-nos, *em commissão*, a Zé Maria e pediamos-lheolicitos:

—Então, Zé Maria, o que é isso?! Modera os teus impetos... Olha que t'o pedem os 40 maiores contribuintes e que para o mez que vem é a abertura das Côrtes... O' menino, acalma-te que nós tambem precisamos de trabalhar...

A's vezes Zé Maria acalmava-se.

Mas era só *às vezes*... Então mandava a *escola* para um canto da parada, a *ensarilhar arma*. Dizia-lhes que fumassem e desafogava comnosco.

—Mas são muito tapadinhos!

E, como ultimo aguaceiro:

—O' seu 45. Sabe como se chama um animalzinho que *vôa e dá couces*? E' um burro! E' o que o *menino* é... Não chore... tome lá um cigarro...

45, meio choroso, meio risonho, acquiescia e ia saltar o eixo com os camaradas na «carreira de tiro de revolver», lá ao fundo da parada, junto á muralha...

*
*
*

N'aquelle dia, porém, foi téttrico, porque a acção se desenrolou enquanto o diabo esfregava um olho.

Mal nós nos precatavamos, já Zé Maria passara ao segundo *registro* de voz...

Da *escola* immediata á minha, o placido *kikero*, cujo unico signal de má disposição de espirito, se traduzia na maneira de dar a voz de *sentido*: «Senti... i!», se tudo lhe corria bem—«Senti-ó!» se estava de mau humor; o *kikero*, iamso a dizer, disse-me de lá, indignado:

—Com aquelle diabo a berrar assim nem em cavallaria 4 se pôde dar instrucção...

Effectivamente o berreiro era já ensurdecedor...

Ainda o velho Dr. Cunha, capitão medico, que por alli andava aos pipwotes ás arvores, segundo o seu costume, se atrevêra, a nosso pedido, a ir chamar Zé Maria á boa razão. Mas, qual historia! Zé Maria corra-o:

—Não me masse, seu *xarope* e *pillula*... Deixe-me...

E o timido clinico fugira temeroso.

Ora era o caso que o 19—*Yalú*, como era geralmente conhecido, por ser tal qual um japonês—não era capaz de atinar com a *meia volta a pé firme*.

Qual pé direito á *retaguarda*, nem qual carapuça! Havia de ser, e por força, o pé esquerdo...

E isto, quatro, cinco, dez vezes, vinte vezes, por mais que Zé Maria gritasse:

—A modos que o *menino* é burro... Pé direito, pé direito é que é!... Esse em que te paz a pedra!... Irra! *Primeira fôrma!*

Mas 19 não havia meio... Pé esquerdo, pé esquerdo e pé esquerdo!

A tragedia ia subindo de intensidade dramatica. Zé Maria já tossira com estroendo!

Man signal...

—*Primeira fôrma!* *Primeira fôrma!* E 19, o *Yalú*, com a sua cara parada de *nipponico*, a chorar como uma cascata, a fazer escovinhas com os pés, aos pulinhos, aos saltinhos, a coçar a cabeça, já perdido elle tambem, gritava, de doido, em unisono com Zé Maria:

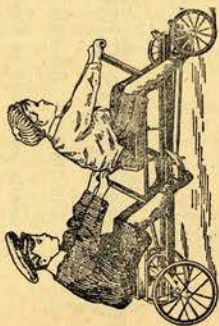
—*Primeira fôrma!* *Primeira fôrma!*

Saturio Pires.

BAZAR ESMERIS

CLERIGOS, 70

Aos paes que velam pela saude de seus filhos, recommendo este aparelho, por que é tambem aconselhado pelos mais distinctos clinicos.



JOAQUIM LEITÃO

OS CEM DIAS FUNESTOS

(Processo e condemnação do ultimo presidente do conselho de 1910, Antonio Teixeira de Souza e do seu livro «Para a Historia da Revolução»)

Um volume de 550 paginas illustrado

PREÇO 1.000 REIS—A' venda em todas as livrarias

FABRICA DE PREGOS E FERRAGENS PARA MALAS

A UNICA NO PAIZ QUE FABRICA TODOS OS ARTIGOS PARA CONFECCAO DE MALAS DE VIAGEM

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

RUA DE D. PEDRO, 110-2.º—PORTO

Dr. Léon Poincard

PORTUGAL IGNORADO

Estudo social, economico e politico seguido de um appendice relativo aos ultimos acontecimentos

Um bello volume de 300 paginas

Preço 600 réis

A' venda em todas as livrarias

AMOR de PERDIÇÃO

Por

Camillo Castello Branco

20.ª edição

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Fernando Martins de Carvalho

JOAQUIM LEITÃO
OS CEM DIAS
FUNESTOS

Raul.

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS 141
Telephone 2.777
LISBOA

Chronica militar

Paris 2 de Maio de 1913.

A DEFEZA DE CHAVES.

Meu Caro.

Chegou finalmente ás minhas mãos a « Defeza de Chaves, em 8 de Julho de 1913 — subsidios para a historia do Regimento de Infantaria n.º 19 », cuja remessa o meu amigo me annunciava ha dias.

Muito obrigado pela lembrança que acho realmente muito interessante sob todos os pontos de vista.

Quer então que eu lhe diga o que penso sobre o livro e sobre o seu auctor — o Tenente-Coronel Augusto de Carvalho — não é assim?

Pois então ahí vai, com a devida vénia a quem dirige este jornal.

Compreendo bem que só terá a contar com poucas linhas fugidias, que tanto é o que se pode exigir d'uma rapida leitura, feita d'um fôlego e a correr — tamanha era a curiosidade de ler tudo até ao fim e no mais breve espaço de tempo.

Tambem só incidentalmente me referirei ao *Combate*. Mais tarde, nas mesmas columnas d'este jornal, Joaquim Leitão, com a sua penna brilhante e a sua prosa viva e entusiastica, com a sua grande probidade e bem documentado como está e de seu uso sempre trabalhar, lhe dará em capitulos cheios de interesse e bafejados pelo grande sópro patriótico, que o anima, a impressão do que foi, na realidade, do lado da Columna Monarchica, essa acção memoravel.

Hoje a minha intenção é simplesmente manifestar-lhe qual a minha impressão pessoal e geral sobre o livro e o seu auctor.

Absolutamente mais nada.

Confesso-lhe que abri o folheto com interesse e — quer crêr? — até com sympathia. Já um dia tive de trabalhar em investigação historica e sei bem que coisas preciosas são estas monografias, quando escriptas com seriedade e honestidade.

E a « Defeza de Chaves » tinha obrigação de ser um trabalho honesto e digno.

Que diabo! Um Tenente-Coronel commandante d'um corpo não é um bôrabotás qualquer, armado em escriba, que se sujeita ao tristissimo papel de, por um lado, incensar o gallo que está no poleiro, emquanto, por outro, vai vomitando sandices e insultos grosseiros e torpes sobre camaradas, que muito se honram de não pensar como elle pensa.

Depois, o Ministerio da Guerra que « approvava a publicação », consoante na capa vem exarado, certamente era porque o trabalho revelava estudo, seriedade, imparcialidade, conhecimento na linguagem, linha e consciencia das suas responsabilidades e da sua categoria por parte do auctor.

As deontarem-se-me, pois, as *Considerações prévias*, não tinha a mais pequena sombra de duvida de que iria ler um trabalho tecnico, escripto por um official, com lisura, sem espirito de partido, uma completa abstenção de comentarios politicos, na louvavel intenção emfim de fornecer aos historiadores futuros material sólido, sobre que podessem porventura assentar os seus juizos relativos á perturbada época, que vamos atravessando.

Mas abre-se o livro e tem-se uma destilado...

Não porque o Tenente-Coronel *mintu* muito. Aparte varias inexactitudes de importancia relativamente secundaria; tirada aquella desculpavel mania (a carne é fraca...) de querer passar pelo Carnot flaviense, o potente *Organizador da victoria* das margens do Tamega; fóra aquellos esguichos de fel venenoso, diluidos systematicamente pelas oitenta e tantas paginas do folheto (e isso é lá entre elles...) — a « Defeza de Chaves » não mente muito, vamos indo com Deus...

E nem tal admira, porque, como todos sabem e até o proprio Tenente-Coronel do 19 não ignora, não ha nada mais verdadeiro que a Verdade, que, conforme referiam os antigos, anda sempre, quer se queira, quer se não queira, ao de cima como o azeite.

Assim elle não se pôde furtar, bem mais

AS CADEIAS DA REPUBLICA

Padre José Pinheiro Marques

Actual Prior d'Alcantara



Padre José Pinheiro Marques

O Padre José Pinheiro Marques, o actual prior d'Alcantara, apesar de relativamente novo, tem saboreado quasi todas as sensações que a demagogia offerece aos conservadores.

e Algodres, até que as suas faculdades de predicador e evangelista o tornam preciso em Lisboa, onde entrou pela freguezia de S. Christovam, para ficar, emfim, na parochia d'Alcantara.

O homem, habituado a trabalhar para se ordenar, trabalha, então, ainda mais, n'um bello impulso d'actividades.

É professor na *Escola Academica*, de Lisboa, é um dos oradores mais frequentes e mais escitados da *Juventude Catholica* e do *Círculo Catholico*, faz jornalismo, faz publicidade, faz evangelismo.

As *chagas*, acostumadas a vêr o clero secular reduzido a um amanuensado da Igreja, chamam-lhe *reaccionario*. E o crente, que, nas conquistas scientificas modernas, se embebe de nova fé, traça o seu conhecido livro — *O Socialismo e a Igreja*.

Em fevereiro de 1913 o Padre José Pinheiro Marques confirmava as suas crenças, respondendo no Tribunal da Boa-Hora por transgressão á Lei da Separação.

Em 24 de maio do mesmo anno era preso, na rua do Ouro, accusado d'agitador.

Era a primeira prisão, apenas a primeira. Sete dias depois, em 8 de junho de 1913 era agredido no Chiado, e levado, sob prisão, para o Governo Civil, d'onde o remetem em liberdade, no dia immediato.

Dois mezes mais tarde, a 17 d'agosto, tornaram a prendel-o na sua terra natal, á ordem da 1.ª Divisão Militar. Seis dias de sentinella á vista, na cadeia de Fornos d'Algodres, e depois Lameiro, para mais doze dias de incomunicabilidade.

Subitamente tiram-o do Lameiro, para... dar um passeio em carro cellular até ao Castello de S. Jorge. Dois mezes e meio depois tornam a levá-lo para o Lameiro.

A 20 d'abril de 1913 foi posto em liberdade, sem julgamento, por falta de provas para a pronuncia.

Joaquim Leitão
Diarío dos Vencidos
1 volume
ilustrado
800 réis

Nascido em 71, n'um tecto humilde de Figueiró da Granja, conceito de Fornos d'Algodres, o Padre José Pinheiro Marques cursa o seminario de Vizeu, e, como sub-director d'um collegio de Vizeu, e depois do *Collegio de Lameiro*, chega á Missa Nova, dita na parochial de Figueiró.

Praticando as admiraveis resignações do cura d'aldeia, que só o clero secular portuguez conhece e padece, percorreu as parochias de Villa Chã, de Muxagata e Abrazaves,

Postaes
ilustrados
Com o retrato da
Prinzeza
AUGUSTA VICTOR A
A' venda na administração
de
O CORREIO
na sua Agencia de Lisboa

A Redacção e Administração
de O CORREIO
Rua de Passos Manoel, 477-A.
Está aberta todos os dias
uteis das 11 da manhã ás
3 da tarde.

Recomendamos
as excellentes e magnificas
PENNAS
D. CARLOS I e D. MANUEL II
A' venda em
todas as livrarias.

ATELIER DE ROUPA BRANCA
M. D'AGUIAR LEITÃO
Proprietaria e directora: SERRAQUEZANA EZZA ABBEEL, D'AGUIAR LEITÃO

FABRICA E DEPOSITO DE ROUPA BRANCA PARA HOMEM SENHORA E CRIANÇA.
OS MAIS ELEGANTES MODELOS EM ROUPA BRANCA DE SENHORA, (ESPECIALIDADE D'ESTA CASA).

ENXOVAES PARA CASAMENTOS. — ENXOVAES PARA BAPTISADOS. — BRINDES A TODAS AS NOIVAS.

20, PRAÇA DA BATALHA, 22 — PORTO (A' ENTRADA DA R. DE SANTO ILDEFONSO)



grado seu, estamos certos — a reconhecer que a hecção de 8 de Julho de 1913 foi *rum combate* (pag. 33); que os *rebeldes demonstraram ouadia* (pag. 33); que, a certa altura, a hecção esteve perdida para a defesa, a um panico indescriptivel, que se adivinha, através de muitos adjectivos atenuantes.

Esqueço-se é certo, quando se acoberta com a nossa superioridade numerica (a que adiante nos referiremos), de consultar os seus «Regulamento de Tactica» ou de *Campanha*, o «Abil ler», a *nua rapida vista* d'olhos para reflector a memoria; o capitulo referente á *Defensiva*, com todas as vantagens para quem conhece a *casa* a palmas; por lá viver desde *tamanio*, para quem por muito extenuado, que estivesse, não o estava certamente nem a vigesima parte do que iam aquellos, que tinham a juntar aos inconvenientes da *Offensiva*, operando em terreno descoberto (tambem vem isso nos compendios da Tactica...), leguas e leguas, através da serra, por duros trilhos.

O Tenente-Coronel Carvalho *non merite pois titulo...*

É até, sem querer, (o fazemos esta declaração para o não malquistar com o governo da sua querida republica), até sem querer nos presta um grande serviço: facer com que o leitor imparcial e consciencioso, nem monarchico nem republicano, reconheça o grande esforço, o grande e inesperado esforço, que teve de dispendir o atacante, durante oito infortnaes horas d'um infernal dia de verão...

sem prego nem estopa (pelo menos com risco e com coragem), não o houvesse substituído na haste da bandeira do seu regimento...

Que o tal Tenente-Coronel nos vá chamando *Bando de mercenarios sem fé...*

Como lhe aprouver, pois para nós é o mesmo.

Tolava, deixa-me o meu caro amigo, lembrar-lhe que o tal *Bando* tinha por uso proceder assim, como, em duas palavras, lhe vou narrar:

— Em Casares, a 7 d'outubro de 1911, Paiva Couceiro poderia ter aniquilado com duas ou tres descargas a cavallaria de Maia Magalhães. Só duas ou tres descargas nem mais! Pois não o quiz fazer por um d'aquelles escrúpulos horrados de «não bater em quem foge».

— Em Pinheiro Velho, a 8, Couceiro não só impede que seja maltratado um guarda-fiscal, que se havia defendido a tiro, como até lhe manda dar uns tantos reis para ajudar o tratamento da mulher que tinha doente.

— Em Soutelinho da Raia, a 7 de Julho de 1912, é capturado um fanalario qualquer, accusado, pelos naturaes da terra, de ser carbonario. A sentinella não se contém, que não lhe diga duas palavras azedas. Pois é o capitão Lúis Ferreira, que, honra lhe seja, indignadissimo, reprobando a sentinella, manda immediatamente substituir, dizendo: «Um prisioneiro é sagrado!»

Fallavam assim e assim procediam os *Bandos*!

Aguae Mineiraes Radioactivas da Povoa
(REGISTADAS)

Agentes geraes no Norte de Portugal

Magalhães & Moniz, L.da

11, Largo dos Loyos, 14

PORTO

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

40) aquelles proprios, por quem elles esperavam ser acolhidos, como irmãos, de braços abertos!

Extranhos bandidos!

Não! Os officiaes e praças da Colúmbia de Galliza, hoje dispersos por todo esse mundo de Christo, podem e devem manter-se de «cora levantada e consciencia tranquilla!» Não envergonharam nem a sua bandeira, nem o seu Rei, nem a grande alma de soldado, que os levava ao fogo!

Que essa vaidade lhes seja consentida!

Quanto ao mais, é deixar fallar o tal Tenente-Coronel...

Superioridade numerica e superioridades d'armamento do nosso lado — quantas elle entender.

350 Mousers com a dotação individual e unica de 120 cartuchos. 2 peças ligeiras de montanha, e duas espingardas metralhadoras Madsen (que, por se terem damnificado durante a marcha, não fizeram um unico tiro).

E aqui tem o meu amigo com o que se combatem contra uma dyarréa de 49.000 cartuchos, que bem tinham obrigação de nos matar lá a todos...

.....

Quanto á bandeira, porque nos batemos, essa entrou immaculada em Sindim, em 6 de Julho de 1913, nas mãos valentes de Manuel d'Azvedo Coutinho. Vendida sahú, em 12, nas alturas da Giranda e do Monte do Groo, lavada então por essa alma intrépida, que desconhece em absoluto a cor do meio e que se chama Rodrigo de Castro Pereira.

Vendida sim: mas sempre o eternamente, para a maior honra da Patria portugueza, na «haste a prumo das suas glorias inapagaveis!»

Hejo guarda-a, quem tem todo o direito a te-la por companheira: aquella que galhardamente e pundonorosamente a bastouo durante dous annos: Paiva Couceiro. Está em boas mãos!

Se alguma frou no campo de Chaves, essa seria propriedade particular, encontrada no saque feito nos feridos ou arrancada, para *trophée*, do corpo regelado de qualquer obscuro soldado, a quem, no grande sommo, ella servia de consoladora e bendita mortalha!

Nunca a da Colúmbia!

Tenente Saturio Pires.

O Retrato de

Sua Alteza Serenissima a Princesa Augusta Victoria d'Hohenzollern-Sigmaringen

que publicamos no numero anterior, esplendidamente reproduzido em lithotes postas, está já a venda.

Cada postal 50 reis

Descontos aos revendedores

Os nossos assignantes tem o desconto de 20% — franco de porto.

PEDIDOS

No Porto — Administracão de «O Correio» Rua Passos Manoel, 177-1.

Em Lisboa — Agencia de «O Correio» Largo de S. Paulo, 12-1.

Tambem se encontrarão á venda em algumas tabacarias do Porto, Lisboa e Coimbra.

PORTUGAL A MINGUAR

Muito pela rama, como sómente pôdo fazer-se em artigos curtos destinados a um jornal de pequeno formato, mostrámos já n'estas columnas quanto na realidade Portugal progrediu durante os sessenta annos de relativo socego em que a monarchia constitucional foi dado exercer a sua obra constructiva. Entre outras provas numericas d'esse progresso citámos, como innegavel demonstracão de bem-estar, o consideravel augmento manifestado pela populacão nacional, salientando que em 46 annos, de 1864 a 1910, esta creceu de quasi dois milhões, á razão de 43 por cento.

Perante o que se está passando com o incremento da emigracão portugueza, de ha dois annos e meio a esta parte,

ninguém contestará que o nosso argumento edha por completo a favor da monarchia e contra a republica, porque a verdade é que, desde que na Rotunda raioa a aurora da Democracia, Portugal se despozou — e por uma maneira muito grave, como passamos a provar.

Diz-nos a estatistica official que em Janeiro findo a emigracão registada attingiu o nivel elevadissimo de 10.485 pessoas. A continuar assim — e o que se passou em 1911 e em 1912 bem indica que outra cousa não devemos esperar — teremos no actual anno uma emigracão minima de 126.000 individuos. Sabido como é, porém, que a emigracão clandestina regula por 15 por cento da registada e fazendo entrar no calculo esse elemento de correcção, sobe-nos o total provavel para 1913 a 145.000, numero redondo. Ora como o augmento medio da populacão portugueza (differença entre nascimentos e obitos) tem sido nos ultimos tempos de uns 57.000 individuos annualmente, somos levados a concluir, sem sombra de duvida, que a republica tem tido o effeito — que aliás continua a produzir — de tornar Portugal... menor do que era!

Menor, quando devia estar maior! Se os numeros que tem vindo publicados na imprensa de Lisboa são aproximados da verdade, como certamente são, em 1911 emigraram 80.000 pessoas, em 1912 mais de 120.000 e em 1913 partirão 145.000. Total em tres annos... de redempção... 345.000 individuos!

Portugal tem pois já hoje, maio de 1913, menos gente do que tinha em outubro de 1910. Portugal que em tres annos devia ter augmentado de 63.000 habitantes pelo menos, á razão minima de 21.000 almas por anno (que é o saldo do augmento medio deduzida a emigracão normal anterior á jornada gloriosa) não só deixou de medrar como se despozou de 174.000 dos seus antigos habitantes. Sommada a directa perda á paralyzacão do natural ganho demographico, vê-se que o prejuizo sobe a perto de 240.000 creaturas! Nem uma campanha desastrosa, em que fosse chacinado todo o exercito do activo e da reserva desde os generaes aos clarins, nos poderia ter causado a perda de tanta gente...

Proclama o actual governo, pela bocca do respectivo chefe, professor a doutrina socialista. A sua comprehensão dos valores sociaes comporta pois, como verba unica do activo nacional, o equivalente monetario do par de braços. Pois bem. Já esse governo calculou quanto representa em capital o prejuizo soffrido pela nação produzido pelo incremento da emigracão?

Ha pouco tempo um dos principaes estadistas canadaiens, discursando em Londres, arbitrou em 350 libras esterlinas o valor medio de cada um dos emigrantes entrados n'aquelle dominio britânico no decurso do ultimo quinquennio. E' essa, portanto, a cotação mais recente do artigo humano não especializado. Adoptando tal criterio, tem Portugal soffrido um prejuizo de 415 mil contos de reis como consequencia directa dos processos de enxotar que a republica tem exercido sobre a populacão nacional...

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

Telephono, 2.777

LISBOA

Eduardo Lupi.

SEMANA MUNDANA

Um pouco de tudo

Escrima - Grupos Arma e Sport - N'um dos ultimos dias, á hora em qua nos grandes centros os «Cerules» e Salas d'Armas rogam...

Ha bastante tempo que nos não encontramos e estavamos dispostos a aproveitar-nos d'esses momentos...

Quando o meu amigo se dirigia ao vestiário, uma elegante sala toda a branco e morango...

Uma grande quantidade de livros da especialidade, antigos e modernos, além d'uma completa collecção de tratados de duello...

Pela que podemos observar e pelas informações que amavelmente nos foram fornecidas...

Luiz Brandão de Mello, Adolpho Correia, Humberto Mendes Correia, Tenente Luiz de Oliveira, Tenente J. Ramirez...

Chronica dos Theatros

O ensaio musical das discipulas de Oscar da Silva

Jardim Passos Manuel - No magnifico salão de festas do Jardim de Passos Manuel reunio-se n'uma das ultimas noites tudo quanto de distincto e apreciador de musica...

Inevavelmente o concerto de sabbado, como o primeiro realizado ha dias com o mesmo programma...

Perdoe-me o bello espirito do modesto professor se ás vezes, sem querer, e apenas entusiasmado pelo assombro que as suas discipulas causaram com a sua apresentação

em publico, safo fóra da minha habitual correccão na critica que estou fazendo.

Incontestavelmente é preciso tor-se intuição de artista, para que se possa, tocando piano, exprimir - exocitando musicas conhecidas do Mestre - todo o sentimento e todo o poema symphonico que essas musicas encerram.

Devenos, pois, partir do principio de que, para este professor, não vão appare discipulas de talento nato e impulsivo.

Para elle, como para todos os outros, vão nullidades, mediocridades e quicá alguma notabilidade. Mas o seu modo de ensinar, que é prodigioso, como agora se viu, consegue fazer de mediocridades notabilidades, e das notabilidades phenomenos.

Até agora dizia-se que para penetrar no sagrado supremo da arte de tocar piano, era preciso ir fóra ao estrangeiro, especialmente a Leipzig.

E todos os que tinham disposições para isso lá iam fóra, a beber no grande Conservatorio as lições de sapientissimos professores.

Pois bem; de muitos d'esses discipulos que foram ao estrangeiro aperfeiçoar-se na arte de interpretar Beethoven, Mozart, Saint-Saëns, Bach, Chopin, Litz, Mendelssohn e outros, poucos ha que os saibam executar melhor do que as de Oscar da Silva, que no sabbado ouvi - como n'um sonho.

Como é precisa, conscienciosa e sabelora a maneira de tobar da sr.ª D. Margarida Pereira.

Como é correcta e suave a execução da sr.ª D. Carolina S.ª Monteiro.

Como encanta a interpretação das musicas que tocam as sr.ªs D. Maria José S.ª Monteiro, D. Maria Carolina de Andrade e D. Marcela de Azevedo Saavedra.

Com que perfeição, ferindo as teclas, fazendo-as vibrar, dão intuição precisa ás obras dos grandes mestres.

Mesmo a menina Otilia Ramos Pinto, com que graça ella executou a sua Sona d'Enfant, op. 15, de Schumann.

Mas, quem me deslambrou, quem me fascinou pelo modo como tocou «Chopin», Litz e Oscar da Silva, foi a sr.ª D. Ernestina Silva Monteiro.

Esta senhora tem um tal poder de execução que a harmonia que vem do piano arrebatava-nos deliciosamente, como se escitassemos um instrumento divino!

Se não gostar que perdoe. Mas quando se vêem marejados de lagrimas os olhos de um velho professor, como eu vi os de Thomaz da Silveira - o primeiro professor de Oscar da Silva - ao sentir glorificado, n'uma onda de ovações, o seu discipulo querido, pelas honras que lhe dão os seus discipulos novos - o entusiasmo transbordava, irrompendo em bravos e em palmas.

Por isso, e porque muito o ostimo, aqui lhe deixo estas simples phrases não de incitamento mas de sincero e vivo applauso.

Alvaro.

Jardim Passos Manuel

Quarteto vocal de Paris. - No elegante salão de festas do Jardim Passos Manuel, realizaram-se dois esplendidos concertos com uma escolhido programma.

Os quatro distinctos artistas M.elle Bounard, M.elle Chadeigue, Mrs. Paulet e Sigwalt, foram applaudidissimos.

O acompanhamento foi feito pelo distincto professor sr. Benjamin Gouveia.

Annuncios

V. de Lemos Peixoto

Com o curso de oto-rhino-laryngologia da Faculdade de Medicina de Paris. Ex-discipulo dos Drs. Castex, Lermoyez e Lombard.

Tratamento medico e cirurgia de todas as doencas do nariz, garganta e ouvidos. Applicações electricas.

Consulta da 1 ás 5 na rua Formosa, 295

Laboratorios THERAPIA Nucleo Pharmaceutico do Porto, Limitada. 44, R. José Falcão, 52 - TELEPHONE, 702 Porto - Portugal.

Empoas com liquidos injectaveis e anestheicos. Algodões, gazes, sedas, catéguts, dranos, etc., esterilizados. Leite, seus derivados (Kephyr, Babeurre, etc.) Soros therapeuticos. Secção d'Analyses. Ferros cirurgicos, Formolia e aparelhos para sua utilização, Seringas e agulhas, Esterilização de pensos, ferros e roupas para operações, Algodão iodado.

Desconfiar das imitações. Exigir sempre origam THERAPIA. Lemos, Lencart & C.ª

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA. Sahidas em 7 de cada mez: Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Príncipe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente. Sahidas em 22 de cada mez: Para S. Thiago, Príncipe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago. Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa RUA DO COMMERCIO, 85 - LISBOA

Consultorio Homoeopathico - DO - Dr. Antonio de Carvalho Medico da enfermaria homoeopathica do Hospital Geral da Misericordia do Porto, com pratica nos hospitales homoeopathicos de Paris, etc. Doencas do coração e Clinica Geral. Rua da Boa Hora, 7 (Residencia) Das 12 ás 3 da tarde

COMPANHIAS DE SEGUROS La Union y el Fenix Español de Madrid Union Maritimee de Paris Mannheim de Manheim Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de machinas, rão, rendas em caso de incendio, maritimo postas e transportes de qualquer natureza. LINA HAYER & C.ª R. da Praia, 59-1.ª - LISBOA

FLORES Para modas, de laranja, ramos, corações, preparos para flores, artigos religiosos. MAISON S. JOSEPHE Rua Augusta, 233

AOS MONARCHICOS

Tenho em deposito grande variedade em papel de carta com facha azul e retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, lapis azul e branco, borluques para pulseiras, argolas para guardanapos com a linda bandeira azul e branca, botões para punhos, passe-partouts com retrato e bandeira, chateleins, lindos distinctivos com bandeira e retrato, photographias em ponto grande com retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II e do Senhor D. João de Almeida.

Grande variedade em Postas com os ultimos retratos do Suas Magestades a Senhora D. Amélia e o Senhor D. Manuel II, Sua Alteza o Principe D. Alfonso e os sr.ªs. Assovado Coutinho, Ayres da Ornellas, Dr. Amílcar Soares, Alvaro Chagas, Paiva Couceiro, Dr. José A. G. Branco e muitos outros artigos.

PREÇO COM GRANDE DESCONTO AOS REVENDEDORES

Todos estes artigos pagam os direitos alfandegarios com ordens superiores; por essa razão não podem ser apprehendidos, pois são objectos de meu commercio.

PEDIDOS A

J. Monteiro Pereira

Rua do Loureiro, 72 - PORTO

Magalhães & Moniz, L.^{da} LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.
Correspondentes em todo o mundo.

II, Largo dos Loyos, 14—PORTO

CASA FUNDADA EM 1863

ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO

PHARMACIA DE 1.^a CLASSE

DE

LEMS & FILHOS

Unicos preparadores do superior medicamento

FOSFODOGLICINA

Sucedaneo vantajoso do oleo de fígados de bacalhau e das suas emulsões. . . . Indicado contra as escrophulas, Rachitismo, Anemia, Neurasthenia, etc. . . . Este medicamento é o unico ensaiado com seguro exito em todas as casas de beneficencia do Porto e aconselhado por professores da Escola Medica, directores de hospitaes, etc., etc.

MEDALHA DE PRATA

NA

Exposição do Rio de Janeiro

1908-1909

Marca registada em todos os paizes.

ALBANO RAMOS PAES

3, RUA DO CORONEL PACHECO, 3

Telephone, 393

End. teleg. NOVIDADES

Tem a honra de participar ás suas Ex.^{mas} Freguezas que já recebeu a maior parte do seu sortido para verão, escolhido pessoalmente nas primeiras casas de Paris.

Enxovaes para casamento—Execução perfeitissima

Ateliers de vestidos e roupa branca

Confeitaria Oliveira

— DE —

José Miguel d'Oliveira & C.^a Succ.^{es}

Importadores directos das principaes casas de Paris, Londres, Berlin, Turin, e Suissa.

Fornecedores de lanches, almoços e jantares no Porto e Provincias:

Fabrico diario de confeitaria, pastelaria, pratos de cosinha, e doce, proprios para presentes, etc.



COMPAGNIES DE NAVIGATION

SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 6 de Maio o paquete *La Gascogne*.

A 29 de Maio o paquete *Burdigala*.

A 3 de Junho o paquete *Diana*.

Linhas commerciaes. Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 28 de Maio o paquete *Samara*.

Para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 14 de Maio o paquete *Liger*.

Para Bourdeus.

A 5 de Maio o paquete *Diana*.

A 14 de Maio o paquete *Samara*.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandeza)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres.

A 8 de Junho o paquete *Hollandia*.

A 19 de Maio o paquete *Zeelandia*.

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos

A 8 de Maio o vapor *Amstelland*, (só recebe carga)

Recebendo passageiros de todas as classes.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 11 de Junho o paquete *Frisia*.

A 21 de Maio o paquete *Hollandia*.—Recebendo passageiros de todas as classes.

Linha Cyp. Fabre & C.^o

Para Providence e New-York, e mais cidades dos Estados Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal.

A 21 de Maio o paquete *Germania*.

Recebendo passageiros de 1.^a, 2.^a e 3.^a classes.

Para Marselha.

A 4 de Maio o paquete *Germania*.

A 17 de Maio o paquete *Roma*.

Recebendo passageiros de todas as classes.

Preço das passagens em 3.^a classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.^o

NO PORTO

EM LISBOA

Largo de S. Domingos, 62-1.^o

Praça Duque da Terceira, 4.

Tel. 415

COMPANHIA DO GAZ DO PORTO

Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba) 200 reis
Por cada 600 kilos (um carro) 8\$000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto.

PESO GARANTIDO

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de Coke que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto, 71, ou na fabrica, no Ouro.